

RETRATO DE AZORÍN, POR IGNACIO ZULOAGA, 1941

Azorín, o inatural?

Como em Maquiavel, o homem político do pensador espanhol pode ser astuto e dissimulado, mas sempre em nome de um bem superior, a saber, o interesse público

ALESSANDRO PINZANI

O livro *El político*, publicado pelo escritor e homem político José Martínez Ruiz (Azorín) em 1908 e lançado pela Editora da UFSC na primorosa tradução portuguesa de Jaimir Conte, se situa, exteriormente, em uma dupla tradição. Por um lado, insere-se no gênero literário caracteristicamente espanhol dos guias sobre a ação prudente à la Baltasar Gracián, que com seu romance moral alegórico *El criticón* e, principalmente, com seu opúsculo *Oráculo manual y arte de prudencia* alcançou uma fama mundial ainda viva, graças às sugestões sobre a maneira mais prudente de mover-se no

mar borrasco do *Gran Mundo*. Por outro lado, *O político* se apresenta como um moderno “espelho do príncipe”, conforme a denominação com a qual eram conhecidos os inúmeros manuais para governantes na Europa renascentista ou na própria Espanha do *Siglo de Oro*. Talvez por isso, a primeira analogia que vem à mente é com outro livro que, exteriormente, se apresenta como um “espelho do príncipe”, embora seja muito mais do que isso, a saber, *O príncipe* de Maquiavel, pelo qual Azorín manifesta grande admiração. Tal comparação, contudo, poderia acabar sendo prejudicial ao texto do autor espanhol. Enquanto a obra-prima do secretário florentino continua

sendo uma fonte de inspiração para seus leitores, hoje parece que quase ninguém se lembra do texto de Azorín. Embora ele também, como Maquiavel, tenha baseado sua obra em sua própria experiência de homem político, falta-lhe a capacidade de expor teses que sejam muito mais do que meras recomendações práticas e alcancem o nível de abstração e profundidade das ideias expostas pelo Florentino.

Com certeza, a intenção de Azorín não era escrever uma obra que se comparasse com *O príncipe*. Suas recomendações na primeira metade do livro soam tão inócuas que mais parecem saídas de um manual do perfeito *gentleman* da era vitoriana ou eduardiana, do que de um “espelho” escrito para um príncipe de épocas violentas e sangrentas como o Renascimento e o *Siglo de Oro*. O autor se estende em sugestões sobre o modo de vestir-se e sobre a importância de sapatos sempre bem engraxados, de camisas imaculadamente brancas, de um rosto impecavelmente barbeado, e o leitor, em sua

subtrópicos

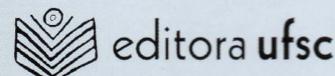
REVISTA DA EDITORA DA UFSC JULHO 2015 #20

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Reitora Roselane Neckel
Vice-Reitora Lúcia Helena Martins Pacheco

EDITORA DA UFSC
Diretor Executivo Fábio Lopes da Silva
Conselho Editorial
Fábio Lopes da Silva (Presidente)
Ana Lize Brancher

Andréa Vieira Zanella
Andréia Guerini
Clélia Maria de Mello Campigotto
Luís Alberto Gómez
João Luiz Dornelles Bastos
Marilda Aparecida de Oliveira Effting

Editor Dorva Rezende
Planejamento gráfico Ayrton Cruz
Foto da capa Ayrton Cruz
Revisão Aline Valim
Gráfica Tipotil
Tiragem 1,5 mil exemplares



Campus Universitário – Trindade
Caixa Postal 476
88010-970 – Florianópolis/SC
Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686
editora@editora.ufsc.br
www.editora.ufsc.br
www.facebook.com/editora.ufsc.5

imaginação, vê sair das páginas do livro um leve cheiro de alfazema, de roupa recém-passada e de linhos engomados. Há algo de incrivelmente *passé* nessas recomendações em uma época como a nossa, na qual se espera do político mais poderoso do mundo, o presidente dos EUA, que seja capaz de fazer cesta numa quadra de basquete ou de tirar *selfies* com visitantes da Casa Branca. Na era da política como espetáculo e da comunicação contínua, na qual os políticos se servem de *twitter* e *facebook*, seria fatal para eles secundar a seguinte máxima de Azorín: “Que o político não se disperse nas palavras. Não seja acessível às conversas e conferências com publicitários e jornalistas”. Mas justamente esse fato torna interessante o texto do escritor espanhol, pois nos convida a refletir sobre nossa maneira de conceber a figura do homem político e, ao fazer isso, nos expõe de maneira indireta as profundas transformações pelas quais passou a política desde a época em que foi escrito até o tempo presente.

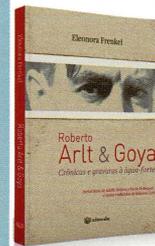
Contudo, se na primeira parte do livro Azorín assume o tom do conselheiro de boas maneiras, pela metade do texto ele nos surpreende com uma repentina virada realista, correspondente às páginas dedicadas a discutir justamente as teses de Maquiavel, que nosso autor defende de seus inimigos e críticos antigos e recentes. Menciona com evidente admiração a celebre página na qual o Florentino afirma que o homem político deve ser capaz de “usar do leão e da raposa”, ou seja, de ser forte e impiedoso ou condescendente e astuto, segundo exigido pelas circunstâncias. Ele também tem seu César Bórgia, a saber, o duque e cardeal de Lerma, a cuja ascensão na vida pública ele dedica o espaço e a atenção que Maquiavel tinha reservado ao Duque Valentino. E ao lado desta “raposa arteira”, Azorín nos apresenta também um modelo de “leão forte, desdenhoso e magnífico”, a saber, Dom Rodrigo Calderón. Mas, principalmente, Azorín demonstra grande fineza em entender o sentido real das recomendações escandalosas que o Florentino distribui com frieza no *Príncipe*. Em momento nenhum Maquiavel afirma que tudo é permitido ao príncipe ou que “o fim justifica os meios”, como recita uma sentença que lhe foi erroneamente atribuída. As ações contrárias à moral corrente que o príncipe pode ser obrigado a praticar pelas circunstâncias específicas nas quais tem que agir obedecem a uma finalidade superior à simples conquista ou manutenção do poder, a saber, a criação e estabilização de um principado ou de uma república que lhe sobrevivam e que tornem imortal seu nome. O príncipe deve ser um fundador de estados, se não quer deixar atrás de si somente a fama de déspota sanguinário como Agátocles, o tirano de Siracusa apresentado no capítulo VIII do *Príncipe* como exemplo de um indivíduo dotado de *virtù*, mas indigno de ser imitado, justamente porque seus atos cruéis tiveram como úni-

ca finalidade a manutenção de um poder pessoal, despreocupado com o bem da cidade. Contrariamente a ele, César Bórgia usou de crueldade, engano e violência para conquistar um grande território e dar vida a um principado que unificasse boa parte da Itália central. Na leitura de Maquiavel, a astúcia do Valentino estava a serviço de uma finalidade maior do que a mera conquista do poder pelo poder. Nem todo fim justifica, portanto, os meios, mas somente o fim superior do bem público, isto é, da glória e da força da “cidade”.

Azorín parece dar-se conta disso em sua leitura de Maquiavel. O duque de Lerma e Dom Calderón são exemplos de indivíduos interessados no bem-estar do Estado, não em seu poder pessoal. Na parte central do livro, nosso autor assume um tom bem diferente daquele do conselheiro elegante da primeira parte, uma vez que agora o tema já não é o aspecto exterior do político ou seus comportamentos em público, mas sua ação de estadista e de homem de partido, chamado a escolher com atenção aliados e conselheiros, a distribuir cargos e favores a pessoas mais ou menos dignas. É nessas páginas que Azorín parece tentar atualizar as sugestões de Maquiavel para uma época menos sangrenta, na qual o moderno “príncipe” não precisa mandar cortar as cabeças de colaboradores cuja corrupção se tornou um embaraço para ele (como aconteceu com Ramiro de Lorca, o lugar-tenente de Bórgia), mas pode limitar-se a tomar o chapéu, levantar-se bruscamente da cadeira e aproximar-se da porta, interrompendo assim uma conversa e deixando claro ao seu interlocutor que este perdeu seu favor.

Como em Maquiavel, o homem político de Azorín pode ser astuto e dissimulado, mas sempre em nome de um bem superior, a saber, o interesse público. Como em Maquiavel, ele deve abraçar as normas de uma ética política cujo sumo bem é o do Estado, ainda que isso signifique desobedecer as exigências da moralidade individual em certos casos. Deve sempre vigiar a si mesmo, exercer um estrito autocontrole, sem ceder às tentações do poder, às paixões individuais e às tentativas de corrompê-lo por parte de quem lhe está próximo. Emerge dessas páginas uma figura de homem político complexa e matizada, bem distante do *dandy* de camisa imaculada e sapatos engraxados da primeira parte. É um indivíduo que não pode dar-se ao luxo de seguir seus desejos e suas paixões, nem sequer no caso do amor por uma mulher, mas que dedica tudo de si mesmo à sua atividade pública — sempre alerta, sempre consciente dos riscos que provêm tanto de seus adversários como de seus aliados. A política não é território de fácil andança e prepara inúmeras armadilhas a quem nela se aventura sem estar disposto a obedecer a suas regras. É o âmbito do possível, não do desejável, do poder, não do dever, de uma ética realista, não de um moralismo abstrato — mas tampouco de um imoralismo cínico e egoísta. ■

LANÇAMENTOS DA EDUFSC



Roberto Arlt & Goya: Crônicas e gravuras à água-forte

autora: Eleonora Frenkel

No ensaio inicial que integra este livro, as crônicas de Roberto Arlt e as gravuras de Francisco de Goya se aproximam por sua leitura grotesca e sarcástica da modernidade; impressas em papel-jornal ou gravadas em placas de metal, estão as vociferantes imagens de um progresso que encanta e decepciona. As crônicas goyescas escritas por Arlt nos levam às gravuras de Facio Hebequer e Adolfo Bellocq, artistas do povo que burilaram traços sujos e retorcidos como os de Goya, o que resulta em uma seleção de imagens exclusivas para o livro.



As Defesas da Ilha de Santa Catarina e do Rio Grande de São Pedro em 1786

organizadores: Roberto Tonera e Mário Mendonça de Oliveira

Publicação do manuscrito *Defeza da Ilha de Santa Catharina e do Rio Grande de São Pedro*, elaborado em 1786 pelo engenheiro militar José Correia Rangel — um dos documentos mais antigos e importantes da história de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul — contendo a relação das tropas, armamentos, mapas e dezenas de aquarelas com o levantamento das fortificações e dos uniformes das guarnições existentes nos dois estados do Sul do Brasil. O fac-símile original é acompanhado de sua transcrição com ortografia atualizada e complementado com: textos introdutórios de contextualização e notas explicativas dos dois organizadores; fotografias das fortificações ainda existentes; outras iconografias da época; glossário técnico ilustrado e bibliografia de referência. O livro também traz encartado um CD-ROM com o conteúdo integral da obra impressa, acrescido de outros recursos virtuais.



Uma Teoria da Adaptação

autora: Linda Hutcheon

Linda Hutcheon é professora titular do Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade de Toronto, com expressiva produção acadêmica refletida em vários livros publicados, entre os quais *Teoria e política da ironia* e *Poética do pós-modernismo*. Nesta obra, em sua segunda edição pela EdUFSC, com tradução de André Cechinel, Linda Hutcheon apresenta uma proposta consistente sobre as relações dialógicas e intertextuais passíveis de serem estabelecidas nos diferentes meios, considerando, além da literatura e do cinema, outras possibilidades, como a ópera, o videogame, os musicais e o teatro. A escritora considera a adaptação sob dois prismas fundamentais: produto e processo.

NOTAS UNIVERSITÁRIAS

- ▶ Começa no dia 10 de agosto a Feira de Livros da Editora da UFSC. O evento acontece no Centro de Convivência da UFSC.
- ▶ Durante um mês, os livros do catálogo serão vendidos com descontos de até 70%. No caso de títulos de outros selos, os descontos chegam a 30%.